



Leito Carroçável e Amplificadores: Cartografia Sonora no Evento Paulista Aberta¹

Lucimara Rett²
Filipe Cretton Souza³

Resumo

A Avenida Paulista é considerada um símbolo da cidade de São Paulo e ponto turístico com vocação tanto para negócios como para o lazer. Apesar de ser um dos mais importantes polos de negócios do país, desde o final de 2014 uma rede formada por organizações e coletivos de São Paulo demandava um uso diferente da avenida aos domingos, com a restrição do fluxo de veículos e destinação do espaço para atividades recreativas e esportivas. Um teste foi feito em 2015, mas somente em 2016, dentro do projeto Ruas Abertas, da gestão do prefeito Fernando Haddad, consolidou-se o evento Paulista Aberta, quando a avenida passou a ser aberta para a circulação do público e para a apresentação de artistas das 10 às 18 horas, recebendo cerca de 100 mil visitantes a cada domingo (dados de 2018). Instigados pelo cenário inusitado e pela pluralidade de artistas que passaram a ocupar toda a extensão da avenida, sobretudo com a música, resolvemos realizar uma cartografia sonora durante o evento, comparando os sons da avenida aberta para a arte com os sons do mesmo local durante os dias da semana. Neste artigo relatamos alguns dos afetos experienciados durante uma série de derivas realizadas em 2018, a título de pesquisa exploratória, e o percurso metodológico com inspiração na etnografia e nos preceitos da Escuta Nômade (SANTOS, 2004) que nos levou à consolidação da cartografia sonora da Avenida Paulista no ano de 2019.

Palavras-chave:

Paisagens Sonoras; Derivas; Cartografia Sonora; Escuta Nômade; Paulista Aberta.

¹ Pesquisa realizada com o apoio de uma bolsa de Pós-Doutorado Sênior do CNPq (2018.2-2019.1).

² Bolsista PDS CNPq na Universidade Paulista (Unip) de agosto de 2018 a julho de 2019. Professora Associada da Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Professora permanente do Programa de Pós-graduação EICOS, Instituto de Psicologia (IP/UFRJ). Doutora em Comunicação pela UMESP (2009). Vice-líder do grupo de pesquisa CIEC (UFRJ/CNPq) e membro do UrbeSom (Unip/CNPq). e-mail: lucimara.rett@eco.ufrj.br. ORCID ID: [0000-0001-9319-9239](https://orcid.org/0000-0001-9319-9239).

³ Técnico em audiovisual da Central de Produção Multimídia (CPM) da Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Graduado em Licenciatura em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). e-mail: cretton@eco.ufrj.br. ORCID ID: 0000-0002-8301-3725.



O evento Paulista Aberta

A Avenida Paulista, ícone da cidade de São Paulo, SP, destaca-se como ponto turístico com vocação tanto para negócios, como para o lazer. “Inaugurada no final do século XIX, já foi reduto de grandes mansões de barões do café” (MELHORES DESTINOS, 2019). Hoje, para além de concentrar empresas e escritórios que consolidam a Paulista como um dos centros de negócios mais importantes do Brasil, em seus quase 3 km de extensão, a avenida é servida por quatro estações de metrô e por uma infraestrutura de restaurantes, bares, centros comerciais e diversos aparelhos culturais públicos e privados.

Desde o ano de 2014, uma rede formada por coletivos da cidade, dentre eles, as organizações SampaPé e Minha Sampa, já “demandava um uso diferente da Avenida Paulista aos domingos: a restrição do fluxo de veículos e a destinação do leito carroçável para uso exclusivo de pedestres e ciclistas, permitindo atividades recreativas e esportivas ao longo de toda a sua extensão”, mas o teste só aconteceu em junho de 2015, juntamente com a inauguração da ciclovia projetada no seu canteiro central (CIDADE ATIVA, 2019). Em 2016 esse projeto se consolidou por meio do programa Ruas Abertas, que durante a gestão do prefeito Fernando Haddad foi tornado lei municipal⁴. O programa envolvia 32 sub-prefeituras da cidade e incluía, além da Paulista, outras 28 vias da cidade. A Paulista, entretanto, com um fluxo de cerca de 100 mil visitantes⁵ a cada domingo, acabou por ofuscar a visibilidade das demais vias incluídas no programa (PASSARELLI, 2018).

Na implantação do programa, houve uma discussão por parte dos coletivos envolvidos para determinar se o nome do evento seria Paulista Aberta ou Paulista Fechada. Optou-se por “fechada para os carros, mas aberta para a o público”, portanto, Paulista Aberta, que tem, inclusive, um sentido mais amplo e acolhedor no sentido do espaço público estar aberto para a arte e para a população, o que transforma o centro de *business* em um grande espaço de lazer frequentado por artistas e cidadãos oriundos de diversas regiões da cidade de São Paulo (figura 1).

⁴ Texto integral disponível em: <<http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16607-de-29-de-dezembro-de-2016/detalhe>>. Acesso em 5 set. 2020.

⁵ Dados aferidos em 2018.



Figura 1 – Paulista durante a semana x Paulista Aberta



Fonte: arquivo pessoal

Até o início da pandemia do Corona Vírus, todas as vias participantes do programa permaneciam abertas para o público e para artistas das 10 às 18 horas.

Este trabalho corresponde a um recorte e resultados parciais da pesquisa realizada como estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista (PPGCom UNIP), sob a supervisão da Prof^a. Dr^a. Simone Luci Pereira e com o apoio de uma bolsa de Pós-Doutorado Sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PDS/CNPq) com vigência de agosto de 2018 a julho de 2019. A Investigação também estava inserida nas atividades do Grupo de Pesquisa em Culturas Urbanas, Música e Comunicação dentro das atividades (URBESOM/UNIP/CNPq).



Derivas e cartografia sonora no Paulista Aberta

Em outras comunicações apresentadas no Congresso da Intercom⁶ já discorremos sobre o evento Paulista Aberta (RETT; BEZERRA, 2019) e sobre a prática das derivas no âmbito das atividades do URBESOM (SILVATTI; BRAS; RETT, 2019). Aqui contextualizamos brevemente as derivas realizadas como parte da pesquisa exploratória do campo, e abordaremos a concepção e os resultados parciais da cartografia sonora que realizamos no evento.

As derivas tem origem no campo das artes, com os Situacionistas nos anos 1950 e 1960. Guy Debord (1958, p. 87 *apud* VISCONTI, 2014, p. VII) ressalta o caráter urbano da deriva e a descreve como uma técnica de passagem rápida por ambiências variadas que “consiste em perambular, sobretudo a pé, mas eventualmente também de outras formas, sem rumo predefinido, escolhendo ao acaso, ou com base em sensações e impressões extemporâneas, a direção a ser tomada a cada momento”.

A técnica foi apropriada para reflexões no campo da Arquitetura e Urbanismo, sobretudo por autores como o professor e arquiteto italiano Francesco Careri (2014) e a professora Paola Berenstein Jacques (2012), arquiteta e urbanista brasileira. Também no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, destaca-se a investigação realizada por Micael Herschmann e Cíntia Sanmartin Fernandes em sua pesquisa sobre a música nas ruas da cidade. De acordo com os autores, a proposta de se colocar à deriva, “corresponde a uma posição de estratégia metodológica conscientemente adotada pelos pesquisadores no intuito de entender a cidade como um espaço dinâmico que se atualiza cotidianamente a partir das interações inteligíveis e sensíveis” (HERSCHMANN; FERNANDES, 2014, p. 43).

Esse conjunto de autores, em especial, serviram de inspiração para a prática das derivas na cidade de São Paulo pelo grupo de pesquisa URBESOM, como já mencionado e como membros do grupo, achamos bastante conveniente utilizarmos essa técnica para adentrar ao campo para a investigação do evento Paulista Aberta. A princípio, esse campo estava previsto para o período de novembro de 2018 a fevereiro de 2019, mas as derivas foram adiadas para o mês de março de 2019, em função de irregularidades no calendário do evento devido a feriados nacionais e eleições presidenciais.

⁶ XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado na UFPA em Belém, PA, de 2 a 7 de setembro de 2019. Trabalhos apresentados no GP Comunicação e Culturas Urbanas.



Nos pusemos em campo deambulando pela avenida munidos de um diário de campo, olhos, ouvidos e poros atentos, a fim de detectarmos todos os afetos da experiência urbana. Jacques (2012) utiliza o termo *errância*, que nos foi bastante caro para a prática do livre caminhar. Durante as derivas, percebemos muito da dinâmica do evento e notamos que o espaço público estava sendo ocupado não somente por músicos, mas por uma grande diversidade de artistas de rua, já acostumados à performance nas ruas, bem como outros artistas que migraram para a rua à procura de visibilidade. Assim, a cada domingo de apresentavam artistas de circo, estátuas vivas, *cosplayers* e grupos de dança e os próprios músicos (figura 2). Nos chamou a atenção as pessoas sentadas no que tecnicamente é chamado de “leito carroçável”, ou seja, seria inimaginável ver tantas pessoas sentadas no meio da Avenida Paulista, que normalmente não dispõe de assentos para os transeuntes, como podemos observar na figura 2, abaixo.

Figura 2 – Artistas e público no Paulista Aberta

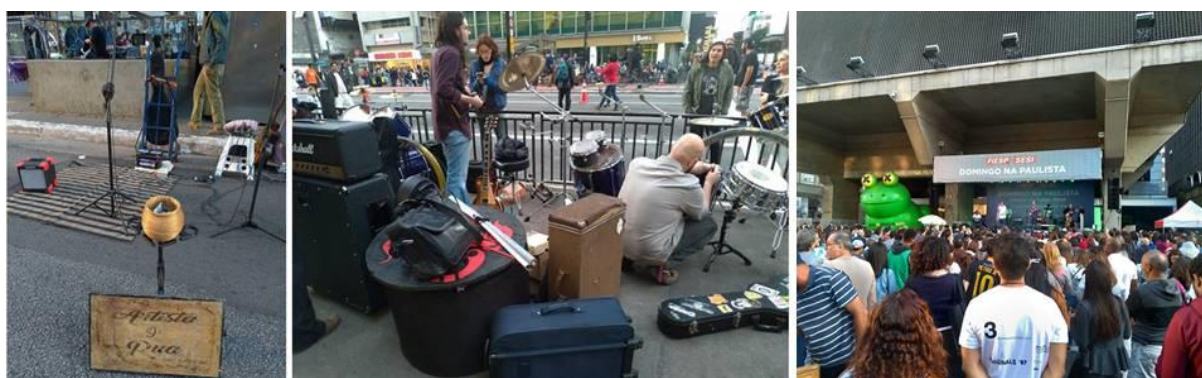


Fonte: Arquivo pessoal



Apesar das apresentações musicais serem regulamentadas e apoiadas na Lei do Artista de Rua (Lei 15.776/13)⁷, também da gestão do prefeito Fernando Haddad, o que gerava um cenário de certo apaziguamento, percebemos durante as derivas certos pontos de conflitos e negociações entre os diversos atores, quais sejam, músicos, moradores, ambulantes, públicos e comércio local. Eram disputas de território, como por exemplo, o espaço que cada camelô ou banda iria ocupar, mas sobretudo de territorialidades sonoras, ou seja, o som e a potência do equipamento também representavam certo tipo de competição e divergências. O início da avenida, próximo à estação Brigadeiro e Casa das Rosas, era o menos disputado e artistas iniciantes ou com equipamento mais simples ou menos potentes, se apresentavam por ali. Eram literalmente “empurrados” pelos amplificadores, pelos artistas que utilizavam uma parafernália potente de equipamentos, como podemos ver na figura 3. Esses artistas preferiam se apresentar próximos da estação Brigadeiro, que nos pareceu o lugar de maior fluxo de público e, conseqüentemente, de visibilidade para os artistas que logo cedo, antes mesmo da avenida ser fechada, já se posicionavam por ali para garantir seu espaço. Também havia o “Palco da Fiesp”, um local semi-público, por se tratar da marquise do edifício que abriga os escritórios da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, que utilizava equipamentos potentes e profissionais, com uma agenda de shows *mainstream*, tornando-se um concorrente desleal para os artistas que se posicionavam nas redondezas.

Figura 3 – Diferentes tipos e potências de equipamento



Fonte: Arquivo pessoal

⁷ Texto completo disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/decreto/2014/5494/54948/decreto-n-54948-2014-regulamenta-a-lei-n-15776-de-29-de-maio-de-2013-que-dispoe-sobre-a-apresentacao-de-artistas-de-rua-nos-logradouros-publicos-do-municipio-de-sao-paulo>>. Acesso em 8 set. 2020.



Há casos, ainda, em que os vendedores ambulantes gostavam da presença dos músicos que aumentavam o público para suas vendas. Em outros casos, reclamavam que o som perturbava os clientes. Igualmente representantes do comércio local afirmavam que a presença dos artistas interferia no tipo de clientela, ora aumentando vendas e diversificando o público do habitual, ora atrapalhando. Os moradores sentiam-se incomodados por terem que conviver não somente com o barulho constante em todos os domingos, mas também pela dificuldade de acesso às suas residências e garagens. Todo esse cenário abre uma discussão do direito à cidade, que apesar de suma importância, não é o foco deste recorte que aqui apresentamos, como já mencionamos anteriormente.

Os dados apresentados acima foram os primeiros inputs captados por meio das derivas, que se consolidaram como uma pesquisa exploratória. Quando nos aprofundamos, entretanto, nos estudos de cartografia, percebemos que já estávamos realizando com essas deambulações, o que Suely Rolnik (2016) denomina cartografia sentimental, resultado de afetos do corpo do pesquisador no campo e vice-versa. Anotávamos toda a experiência estética nos diário de campo, registrávamos som e imagens no aparelho celular e colhíamos depoimentos no local, sempre sob a forma de conversas informais, nunca com caráter de entrevista com roteiros estruturados, o que na nossa percepção, tiraria a espontaneidade do registro.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. (ROLNIK *apud* DO VAL 2013, p. 125)

A cartografia sentimental, entretanto, ainda parecia fazer parte do procedimento exploratório que nos dava *insights* para o aprimoramento da pesquisa. Estávamos registrando paisagens sonoras. R. Murray Schafer (2011, p. 151-152) elucida que “na música absoluta, os compositores modelam paisagens sonoras ideais da mente. A música programática é imitativa do meio ambiente”. Cabe mencionar a origem do termo:

O termo paisagem sonora começou a surgir na obra de Murray Schafer em publicações como *Ear Cleaning: Notes for an Experimental Music Course* (1967) e *The New Soundscape: A Handbook for the Modern Music Teacher* (1969). Entre os anos de 1973 e 1974, o autor foi comissionado para a produção de dez programas de rádio intitulados *Soundscapes of Canada* e, no ano seguinte, o *World Soundscape Project* visitou vilarejos europeus em cinco países para realizar um estudo sobre seus ambientes sonoros. Essa pesquisa foi publicada em 1977 como *Five Village Soundscapes* (KELMAN, 2010; STERNE, 2015; TRUAX, 2009 *apud* ARAGÃO, 2019, p. 2).



É importante ressaltar que Ingold (2011 *apud* ARAGÃO, 2019) problematiza o termo proposto por Schafer, afirmando que o autor entende por paisagem sonora, ou seja, a dimensão sonora do ambiente, não está relacionado à paisagem como compreendida na pintura ou fotografia. Não vamos nos ater, entretanto, a essa discussão no momento e seguimos apoiados em Schafer.

O espaço público no Paulista Aberta é ressignificado como palco, transformando-se em heterotopia (FOUCAULT, 2001), em uma outra possibilidade de espaço de apresentação para músicos que não podem ocupar as “salas de concerto”, mas que promovem as paisagens sonoras, que podem estar presentes em “qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como paisagem sonora” (SCHAFER, 2011, p.23).

Nesse momento demos mais um passo no procedimento metodológico da pesquisa. Dois projetos, em especial, nos chamaram a atenção para que decidíssemos fazer uma cartografia sonora, ou mapa sonoro, do evento (figura 4). O primeiro deles foi o Sons do Porto⁸, um mapa sonoro da região portuária do Rio de Janeiro, RJ, realizado por Claudia Holanda em parceria com o Sonic Arts Research Centre, da Queen's University Belfast (HOLANDA, 2015). Holanda, Paz e Rebelo (2016) *apud* Holanda e Bartholo (2017) afirmam que “o mapa sonoro é uma ferramenta digital que coloca a escuta no centro da experiência de navegação”.

O segundo projeto que nos inspirou foi a pesquisa “Vozes da Cidade – Uma cartografia sonora de Londrina”⁹, um site interativo vinculado à UEL – Universidade Estadual de Londrina – desenvolvido pela professora de Fátima Carneiro dos Santos (2004) a partir do conceito da escuta nômade.

Uma textura sonora que a cidade secreta. Ruas. Rico tecido de sons que se movem e nos arrastam, Diferentes velocidades. Diferentes dinâmicas. Música das ruas. Nervosa. Palpitante. Explosiva. Mapa aberto. Pontos que se conectam como um rizoma. Música que flutua...escuta nômade (SANTOS, 2004, p. .109).

⁸ Disponível em: <<http://www.sonsdoporto.com/>>. Acesso em 9 out. 2020.

⁹ Disponível em: <<http://www.uel.br/projetos/cartografiasonora/>>. Acesso em 8 out. 2020.



Figura 4 – Mapas sonoros Sons do Porto e Vozes da Cidade

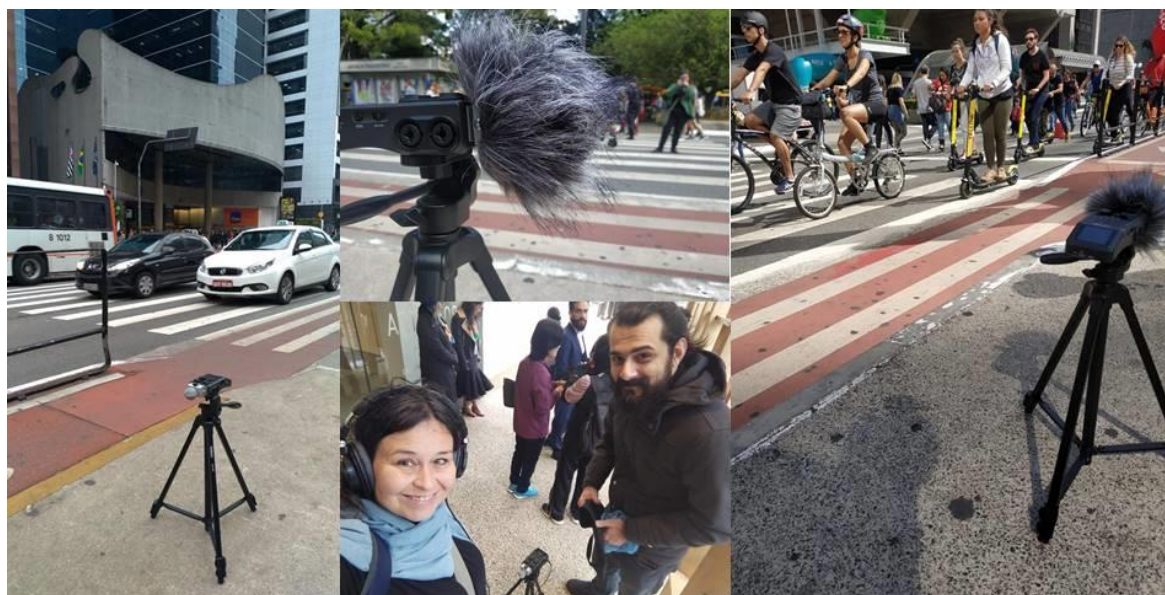


Fonte: <http://www.sonsdoporto.com/> e <http://www.uel.br/projetos/cartografiasonora/>

Assim já tínhamos uma ideia sobre o formato final que gostaríamos de utilizar para apresentar os resultados da investigação. Com o suporte de Filipe Cretton, técnico de som da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), passamos, então, a definir qual seria a estratégia e o equipamento para a captação dos sons da Avenida Paulista. Primeiramente estabelecemos 4 pontos que foram identificados como mais relevantes durante o processo de derivas, quais sejam, os próximos às estações do metrô – Brigadeiro, Trianon Masp e Consolação – e a saída da estação Consolação, onde ocorre, quando se sobe pelas escadas rolantes, uma interessante transição do som interno da estação para o som da rua. Decidimos captar a paisagem sonora nesses pontos da avenida em dois momentos distintos: durante um dia da semana e em um domingo, quando ocorria o evento Paulista Aberta (figura 5)



Figura 5 – Processo de captação de paisagens sonoras na Avenida Paulista



Fonte: Arquivo pessoal

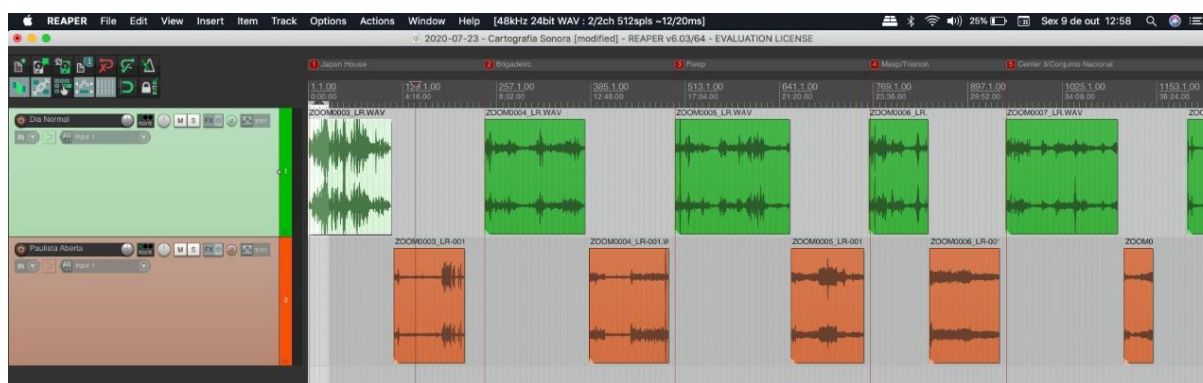
O equipamento sugerido e disponível para as captações foi um gravador digital de áudio Zoom H6 com cabeça acoplada para captação de estereofônica MS (*Mid-Side*). Tal cabeça tem por característica um conjunto de dois microfones: um de captação cardióide, responsável pela imagem sonora frontal (*Mid*), e outro bidirecional, responsável pela imagem sonora bilateral (*Side*). Os dois sinais captados e decodificados em MS pelo próprio gravador, geram uma interessante captação estereofônica, onde conseguimos ter uma imagem sonora ampla, numa técnica mono compatível, caso necessário.

As duas diárias de captação ocorreram em julho de 2019, mês previsto para o encerramento da pesquisa. Os áudios estão temporariamente disponíveis para edição no Reaper, um *software* de gravação e mixagem de áudio da categoria Digital Audio Workstation (DAW). Optamos por essa plataforma por sua ampla utilização nos estudos de especialização de áudio.

Na figura 6 podemos identificar a primeira captação (A) na cor verde, realizada em uma quarta-feira, e a segunda (B), na cor salmão, realizada em um domingo.



Figura 6 – Timeline com áudios A e B



Fonte: Print da tela do Reaper

Agora estamos estudando plataformas que possam abrigar o nosso mapa sonoro e dentre as avaliadas até o momento, a SuperViz¹⁰, utilizada para videoconferências em imagens 360° com suporte do Google Street Views parece oferecer recursos técnicos que proporcionariam uma experiência rica para os usuários, tais como acesso por dispositivos móveis e recursos de realidade virtual com a utilização de óculos apropriados para essa finalidade.

Nesse período também estudamos sobre como tornar essa experiência da escuta da paisagem sonora mais imersiva do que uma captação convencional monofônica. A espacialização é um elemento bastante importante para entender e imergir dentro desse ambiente sonoro, trazendo características espaciais mais próximas da realidade sonora que foi captada e, em função disso, estamos também empreendendo outras pesquisas mais focadas nos estudos de áudio em uma abordagem mais técnica.

Considerações finais

Empreender uma investigação sobre o Paulista Aberta foi uma experiência estética no seu mais amplo sentido. Vislumbrar a possibilidade de compreender um pouco das inúmeras dinâmicas, práticas, redes de atores, dissensos, conflitos e apaziguamentos observados durante o evento nos permitiu seguir com a proposta original que era o desenvolvimento de uma pesquisa na área de Culturas Urbanas. Pensar a Avenida Paulista como heterotopia, perceber as socialidades imbricadas e as territorialidades nos levou a outros desdobramentos, inclusive o desafio de nos debruçarmos em um conjunto de ferramentas ou métodos até então não

¹⁰ Disponível em: <<https://www.superviz.com/>>. Acesso em 9 out. 2020.



convencionais no campo da Comunicação Social como as derivas, por exemplo. Das derivas para a cartografia sentimental, seguimos um caminho natural, como métodos que se complementaram e que nos ajudaram a ir a campo com uma perspectiva antropológica ainda que dentro dos estudos de Comunicação e Culturas Urbanas.

Convidar um técnico para participar da pesquisa nos trouxe uma outra perspectiva bastante profícua de compilação de dados, o que resultou na cartografia sonora que apresentamos neste breve recorte acerca dos resultados da investigação. Desse modo, ressaltamos a contribuição que uma escuta profissional nos trouxe, agregando percepções que foram muito além dos afetos iniciais.

Passamos, então, a avaliar opções técnicas que viabilizariam a melhor captação de som possível naquele momento, que foi o MS Audio. Hoje já sabemos que temos outras possibilidades e que, dentre elas, o recurso que vem nos parecendo mais viável para enriquecer a escuta é a captação em áudio binaural, que como resultado oferece “uma gravação que vai além do áudio estéreo normal, dando a sensação de que o ouvinte está presente no momento da gravação. É possível perceber sons que estão vindo de todas as direções, assim como os ouvidos humanos o fazem” (ARRUDA, 2011). Inferimos que a combinação do áudio binaural com os recursos de mobilidade, interatividade e de realidade virtual da plataforma Superviz poderão nos proporcionar, futuramente, a construção de mapas sonoros que poderão proporcionar uma experiência ainda mais completa em termos de usabilidade, interatividade e imersão.

Referências

ARAGÃO, Thais Amorim. Paisagem sonora como conceito: tudo ou nada? In: **Revista Música Hodie**, 2019, v.19.

ARRUDA, Felipe. Áudio binaural: efeito 3D em fones de ouvido estéreo. In: **Tecmundo**. 2011. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/fone-de-ouvido/11683-audio-binaural-efeito-3d-em-fones-de-ouvido-estereo.htm>>. Acesso em 9 out. 2020.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: Ed. G. Gilli, 2013.

CIDADE ATIVA. Paulista Aberta. (2019). Disponível em: <<https://cidadeativa.org/iniiciativa/leituras-urbanas/paulista-aberta/>>. Acesso em 9 out. 2020.



DO VAL, Ana Paula. Cartografias afetivas. In: BORDAS, Marie Ange (org.). **Caderno Sesc_Videobrasil 9**: Geografias em movimento. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. p.125-133.

FERNANDES, C. e HERSCHMANN, M. Usos da cartografia nos estudos de comunicação e música. **Fronteiras – Estudos Midiáticos**. v.17. n.3. p. 290-301. 2015.

FOUCAULT, Michel. Des espaces autres. In: **Dits e Écrits, tome 2**: 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001. p.1571-1581.

HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia Sanmartin. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. São Paulo: Intercom, 2014.

HOLANDA, C. Sons do Porto. 2015. Disponível em: <<http://www.sonsdoporto.com/>>. Acesso em 9 out. 2020.

HOLANDA, C.; BARTHOLO, R. Sondando a cidade: memória, cartografia e caminhadas sonoras. In: **Z Cultural**. Ano XII, v.2, jul./dez. 2017. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/sondando-a-cidade-memoria-cartografias-e-caminhadas-sonoras/>>. Acesso em 8 out. 2020.

JACQUES, P. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MELHORES DESTINOS.

Disponível em: <<https://guia.melhoresdestinos.com.br/avenida-paulista-173-4454-1.html>>. Acesso em: 8 out. 2020.

PASSARELLI, Gaia. Domingo na Paulista: como o projeto Ruas Abertas mudou a cara da avenida. 2018. In: **360 meridianos**.

Disponível em: <<https://www.360meridianos.com/dica/domingo-na-paulista>>. Acesso em 8 out. 2020.

RETT, Lucimara; BEZERRA, Priscila Miranda. Paulista Aberta e Arte Pública: Sobre Derivas e Territorialidades no Espaço Urbano. In: 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019, Belém, PA. **Anais eletrônicos...** Intercom, 2019. GP Comunicação e culturas urbanas. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0742-1.pdf>>. Acesso em 8 out. 2020.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2.ed. Porto Alegre, RS: Sulina, 2016.

SANTOS, Fátima Carneiro dos. **Por uma escuta nômade**: a música dos sons da rua. 2.ed. São Paulo: EDUC/ Fapesp, 2004.



SÃO PAULO. Governo do Estado de São Paulo. Avenida Paulista.

Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/pontos-turisticos/avenida-paulista/>>.

Acesso em 7 out. 2020.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. 2.ed. São Paulo: Unesp, 2011.

SILVATTI, Felipe Luna; BRAS, João Marcelo Flores de; RETT, Lucimara. Périplos e palimpsestos: a experiência das derivas no estudo de Comunicação e Culturas Urbanas. In: 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019, Belém, PA. **Anais eletrônicos...** Intercom, 2019. GP Comunicação e culturas urbanas. Disponível em:

<<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1378-1.pdf>>.

Acesso em 8 out. 2020.

VISCONTI, Jacopo Crivelli. **Novas derivas**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.